

AS MARCAS DE UMA IGREJA QUE FAZ MISSÃO

THE MARKS OF A CHURCH THAT ENGAGES IN MISSION

Fernando Ellwanger Garske¹

Resumo: Este artigo explora a identidade e missão da igreja no contexto contemporâneo, em meio ao declínio numérico e à secularização. A pergunta central é: “Que igreja queremos ser?” ou “Que igreja somos?” A metodologia inclui revisão bibliográfica, discutindo os desafios contemporâneos da missão e a necessidade de a igreja reafirmar sua identidade como *creatura verbi* (criatura da Palavra). O artigo conclui que, em vez de adaptar-se aos padrões culturais ou buscar relevância social a qualquer custo, a igreja deve reafirmar sua missão centrada na pregação do evangelho e na administração dos sacramentos, participando fielmente na missão de Deus.

Palavras-chave: Missão. Declínio religioso. Identidade da igreja. Igreja Luterana. Evangelho.

Abstract: This article explores the identity and mission of the church in the contemporary context of numerical decline and secularization. The central question is: “What kind of church do we want to be?” or “What kind of church are we?” The methodology includes a literature review, discussing the contemporary challenges of mission and the need for the

¹ Vice-presidente de Educação Cristã da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Bacharel em Teologia, Universidade Luterana do Brasil – ULBRA (2001). Especialista em Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia (2003).

church to reaffirm its identity as *creatura verbi* (creature of the Word). The article concludes that, rather than adapting to cultural standards or seeking social relevance at all costs, the church must reaffirm its mission, centered on the preaching of the gospel and the administration of the sacraments, faithfully participating in God's mission.

Keywords: Mission. Religious decline. Church identity. Lutheran Church. Gospel.

INTRODUÇÃO

Que igreja queremos ser? Esta é uma pergunta que faz parte das nossas reflexões e planejamentos. Que igreja queremos ser daqui a 50 anos? Que igreja queremos deixar para nossos filhos e netos?

Geralmente questionamos quando percebemos que algo não está bom e precisa mudar. Ou quando nos damos conta de que o mundo está mudando, e temos a sensação de que as coisas não podem continuar como estão.

Por um lado, são questões piedosas, que demonstram amor pela igreja e o desejo de que ela permaneça viva e atuante em nosso país e no mundo. Demonstram a preocupação sincera de que a igreja deve encarar os novos tempos, e evidenciam que nós, seres humanos, não somos perfeitos e, portanto, sempre há o que arrumar e melhorar. Assim, no que diz respeito à forma como nos organizamos como igreja, sempre haverá o que mudar e melhorar.

Por outro lado, trata-se de um questionamento perigoso, pois pode levar à suposição de que a igreja, para sobreviver aos tempos, deva ser moldada conforme as aspirações humanas e as demandas de cada época. E que, portanto, seria nossa responsabilidade buscar pela relevância da igreja em um determinado lugar, garantir o seu crescimento numérico e impor sua influência e aceitação na sociedade.

De fato, a versão perigosa de tais questionamentos encontra substrato na realidade. A igreja tem perdido sua influência e aceitação na sociedade e está decrescendo em números, especialmente perdendo seus jovens e jovens adultos. Já vivemos em uma era pós-cristã, ou pós-constantiniana,

o que significa que a igreja já não detém ou está rapidamente perdendo o seu lugar privilegiado nos espaços de poder, de influência e de definição cultural no mundo ocidental.

No censo do IBGE de 2010, os “sem religião” representavam 8% da população brasileira, um aumento significativo desde 1960, quando esse grupo era apenas 0,5% da população.

Enquanto aguardamos os dados definitivos do Censo de 2022, pesquisas independentes demonstram que esse número continua aumentando. Uma pesquisa publicada pelo Instituto Datafolha em 2022, demonstrou que as pessoas que se definem como “sem religião” superaram 14% da população brasileira em geral e chegaram a 25%, se considerarmos apenas os jovens entre 16 e 24 anos. No Rio de Janeiro, já existem mais jovens sem religião (34%) do que jovens que se identifiquem com qualquer uma das religiões citadas na pesquisa (<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257>).

A tendência de declínio na afiliação religiosa não é exclusiva do Brasil. Estudos mostram que jovens adultos sem religião constituem uma parcela significativa da população em vários países europeus e nos Estados Unidos (VOGEL, 2023, p.89).

Por que isso está acontecendo? A resposta a essa pergunta tem sido buscada por sociólogos e teólogos do mundo inteiro. Algumas causas apontadas são importantes para a nossa reflexão.

É evidente que um fator significativo para o declínio é a falta de crescimento tanto interno quanto externo. Segundo o Dr. Larry Vogel, “a igreja declinará quando menos cristãos transmitirem a Palavra de Cristo por terem (e adotarem) filhos e criá-los na fé. Em segundo lugar, a igreja declinará quando os cristãos não transmitirem a palavra aos descrentes que não conhecem a Cristo e suas promessas” (VOGEL, 2023, p.3).

Em relação ao crescimento interno, é fácil observar que a estrutura familiar tem mudado nas últimas décadas, e que essas mudanças impactam na vida e na saúde das congregações. David Kinnaman, CEO da Barna Group,² explica no livro *You Lost Me*, que muitos jovens estão adiando a transição completa para a vida adulta, o que inclui o casamento e a formação de famílias, fatores que historicamente contribuíram para a frequência

2 Organização de pesquisa norte-americana que se especializa em estudar a intersecção da fé e da cultura.

à igreja. Conforme Kinnaman destaca: “Muitos notaram que é bastante comum que jovens adultos deixem a igreja durante a adolescência apenas para voltar quando se casam e têm seus próprios filhos” (KINNAMAN, 2011, p.32). No entanto, mais e mais esses jovens não estão voltando.

Um fator crítico para a fuga das gerações mais jovens são as percepções negativas da igreja e dos cristãos. Muitos jovens veem a igreja como coercitiva, anti-homossexual, demasiado julgadora e hipócrita (VOGEL, 2023, p.97).

Em relação ao crescimento externo, particularmente importante para nossa reflexão, são as considerações do Dr. Larry Vogel em sua tese de doutorado *Behind the Numbers: A Traditional Church Faces a New America*. Segundo ele, a homogeneidade cultural é um dos fatores críticos que contribuem para a diminuição da igreja luterana. O autor destaca que, enquanto a sociedade americana se tornou cada vez mais diversificada devido a transições demográficas, a igreja luterana – especificamente a LCMS – permanece majoritariamente branca, de classe média e monocultural. Ressalta o autor:

A LCMS reflete a variedade da comunhão dos santos de muitas maneiras – mas também não reflete a diversidade da igreja de outras maneiras. Somos em grande parte incolores – ao contrário da população do nosso país. No entanto, penso – melhor, confio – que o Sínodo quer ser uma igreja para todas as nações, não apenas para os brancos de classe média (VOGEL, 2023, p.7 – tradução nossa).

Esta é uma característica desafiadora também para o luteranismo brasileiro. Apesar de não ter um compromisso destacado com a “germanidade”, isto é, com a manutenção da cultura alemã,³ o trabalho dos missionários norte-americanos no Brasil foi frutífero em arrebatar imigrantes alemães de origem luterana, estabelecendo congregações que, inclusive, eram atendidas inicialmente em língua alemã. Também no idioma alemão foram publicados os primeiros periódicos da missão no Brasil. Mais de 120 anos depois, a IELB continua bastante homogênea no que diz respeito a seus membros e tradições.

3 Os missionários vindos do Sínodo de Missouri ao Brasil eram, inclusive, acusados de descuidar da germanidade (TEICHMANN, 1996, p.84).

As transições demográficas não apenas tornaram a sociedade mais heterogênea, mas também questionaram a cultura e os valores tradicionais, aumentando a dificuldade da igreja em se conectar com a sociedade atual. A mudança dos ambientes rurais e a urbanização romperam laços sociais e religiosos. Vogel comenta os efeitos indiretos da transição demográfica, citando a pesquisa de Tim Dyson (*Population and Development: The Demographic Transition, 2010*) e afirmando:

O declínio da mortalidade com a consequente longevidade leva as pessoas a concentrarem mais expectativas e atenção na vida aqui e agora e menos na vida após a morte. A urbanização rompe a família ampliada, os antigos laços sociais e religiosos e mina as tradições culturais (tais como os padrões religiosos). O ciclo de vida das mulheres muda dramaticamente. Desta forma, a transição demográfica conduz indiretamente a uma visão de mundo mais secularizada – aqui e agora. Todas as igrejas enfrentam este desafio, mas os organismos eclesiásticos que são mais bíblicamente e culturalmente tradicionais têm uma tarefa particularmente difícil face a tal secularização (VOGEL, 2023, p.243-244 – tradução nossa).

Nesse contexto desafiador e diante da necessidade de transmitirmos a fé, tanto internamente como externamente, nos perguntamos: Que igreja queremos ser? O que precisamos mudar? Como cooperar com fidelidade na missão de Deus?

Com tantas preocupações em mente, a igreja precisa enfrentar duas grandes tentações. A de empreender uma busca desesperada por espaço, descuidando ou ignorando sua identidade na ânsia de ser relevante e reconhecida no mercado da atenção. Ou, por outro lado, de intensificar sua autoproteção, adotando posturas fechadas e definindo sua identidade baseada em preferências culturais e tradições.

A ALTERNATIVA DE UMA “IGREJA MOLDADA PELA MISSÃO”

Para Christopher Duraisingh, teólogo anglicano, a resposta a essa problemática passa por uma reconfiguração na identidade da igreja e da missão.

O autor argumenta que:

[...] a igreja tem sido definida, ao longo dos séculos, principalmente em termos de sua vida interna como o lugar onde a Palavra é verdadeiramente pregada, os sacramentos devidamente administrados e o povo corretamente governado. Não é de admirar que a missão seja vista como apenas “mais uma coisa a fazer” entre outras e, portanto, muitas vezes deixada convenientemente para ser realizada por alguns entusiastas na congregação ou por algum corpo diocesano ou denominacional (DURASINGH, 2010, p.10 – tradução nossa).

Baseado nessa percepção, Duraisingh defende uma transição na maneira como entendemos a igreja, propondo a mudança de uma “missão formatada pela igreja” para uma “igreja formatada pela missão”.

A ideia de uma “mission-shaped church” emergiu no contexto da igreja anglicana na Inglaterra, mas rapidamente encontrou ressonância em diversas denominações ao redor do mundo.

Nas décadas de 1980 e 1990, a igreja da Inglaterra enfrentou o declínio na frequência de fiéis e a perda de relevância em uma sociedade cada vez mais secular. Em resposta a esses desafios, surgiu o movimento “Fresh Expressions”, que buscava criar novas formas de ser igreja, relevantes para contextos específicos, em vez de simplesmente replicar as estruturas tradicionais.

O relatório “Mission-shaped Church: Church Planting and Fresh Expressions of Church in a Changing Context”, publicado pela igreja da Inglaterra em 2004, destacou a necessidade de contextualizar a igreja para diferentes culturas e subculturas, enfatizando uma abordagem missional ao invés de atracional. Este relatório foi um marco, propondo maneiras de plantar novas igrejas e expressões de igreja que fossem relevantes para o século 21.

Embora o conceito de *missio Dei* esteja na raiz teológica da ideia de uma “igreja moldada pela missão”, por sugerir que a missão é originária do próprio Deus, Duraisingh questionou a *missio Dei* sugerindo que o conceito de *concursus Dei*, entendido como a interferência contínua de Deus na criação, seria mais eficaz para a transformação de congregações em congregações missionais (Duraisingh, 2010, p. 13).

Em outras palavras, segundo o autor, “*Concursus Dei* indica a presença criativa-redentora contínua de Deus, caminhando com toda a criação, levando-a à plenitude de Deus” (Duraisingh, 2010, p.20). Isto é, a presença graciosa e redentora de Deus é localizada na criação e não apenas na igreja. Duraisingh afirma que “a missão nesse contexto não é fazer de uma pessoa de outra fé um objeto de nossa conversão, mas caminhar com ele/ela como um peregrino companheiro” (Duraisingh, 2010, p.23).

Embora pareça uma boa saída reimaginar e remoldar a igreja para adaptá-la às mudanças e contextos da sociedade, o conceito de “igreja moldada pela missão” traz alguns desafios significativos.

Ao tentar definir a igreja a partir da missão, no anseio de que as comunidades fossem mais missionais, Duraisingh acabou deslocando a centralidade de Cristo e sua obra para uma expressão mais aberta e livre da atuação redentora de Deus, fora da Palavra e dos sacramentos. Isso causa uma relativização da identidade da igreja e do entendimento sobre o que é realmente a missão de Deus.

Surge um questionamento. Qual é o real sucesso de um trabalho missionário inovador, bem adaptado ao contexto, que impacta centenas ou milhares de pessoas, mas que não está firmado em proclamar o evangelho salvador? Projetar ou avaliar uma ação missionária pelo seu impacto ou relevância social pode ser extremamente enganoso.

A relevância da igreja e sua missão está estabelecida no fato de que o ser humano pecador precisa desesperadamente da salvação que foi, de uma vez por todas, conquistada por Cristo na cruz. A igreja é a proclamadora deste evangelho, e nisso está a sua relevância eterna.

A ALTERNATIVA DA BUSCA POR RELEVÂNCIA

Em relação à busca por relevância, é necessário aqui fazer um parêntese. O movimento pietista, com sua boa intenção de promover a piedade, destacou a experiência com Cristo e a transformação pessoal como marcas principais da igreja. Inadvertidamente, isso levou os cristãos a procurarem a santificação como algo evidente e mensurável, associando a relevância da igreja à moralidade visível e ao melhoramento social.

A fé receptiva, firmada nas promessas objetivas da palavra de Deus, passou a ser vista como fraca ou mesmo morta, característica de uma igreja irrelevante.

Nesse momento histórico, muitos cristãos passaram a considerar que a igreja precisa ser percebida e causar impacto para ser considerada viva e relevante. A busca por relevância tornou-se a ordem do dia.

Com o advento do Iluminismo, as doutrinas bíblicas da igreja foram duramente atacadas. Em uma época quando se questionava o sobrenatural, surgiram várias teologias racionalistas empenhadas em garantir a relevância da igreja nos novos tempos. O papel da igreja, nessas teologias, concentrava-se em garantir a ordem moral e promover o melhoramento individual e social. A relevância da igreja refugiou-se no papel de polícia moral do ocidente.

Entretanto, a igreja enfrentou um grande revés com as grandes guerras mundiais. Muitas congregações, entregues ao racionalismo, perderam a capacidade de proclamar uma mensagem evangélica para pessoas em perigo de morte iminente. Diante dos horrores da guerra, muitas congregações não conseguiam mais consolar os corações com a certeza da salvação e da vida eterna, deixando um vácuo sombrio que culminou no abandono e na indiferença em relação à fé cristã.

Ironicamente, a busca por relevância afastou a igreja da sua missão mais relevante: proclamar o evangelho de Jesus Cristo.

Na América do Norte, no pós-guerra, a igreja cresceu em número, adaptando-se às diferentes necessidades e expressões da sociedade. Promoveu moral, cura, prosperidade e bem-estar, ofertados a uma sociedade consumista e disposta a tudo por uma vida sem sofrimento. Na América Latina, enfrentando os desafios do terceiro mundo, a igreja encontrou relevância em teologias sociais, da libertação, da prosperidade e no pentecostalismo, prometendo curas e milagres a sociedades doentes e empobrecidas.

Ainda hoje, muitas congregações, ávidas por relevância, continuam investindo em teologias contextualizadas e novas expressões de igreja, com grandes investimentos em estética e sintonizadas com as tendências da sociedade.

A busca por relevância traz como consequência o risco de transformarmos a igreja em uma mera instituição social, restringindo ou mesmo

perdendo seu poder transformador e sua verdadeira missão.

Precisamos, portanto, ter clareza sobre “que igreja **não** queremos ser”. Não queremos ser uma igreja sem identidade em uma busca insaciável por relevância. Em outras palavras, uma igreja sem marcas.

A igreja deve, portanto, reafirmar sua identidade centrada na pregação do evangelho e na administração dos sacramentos. Somente assim ela poderá enfrentar os desafios contemporâneos e ser instrumento da missão de Deus de maneira fiel e eficaz.

UMA IGREJA MOLDADA PELA MISSÃO DE DEUS

E aqui chegamos em um ponto interessante, no qual já é possível dizer que a pergunta correta não é: “Que igreja queremos ser?”, mas “Que igreja somos?”

Em primeiro lugar, é preciso dizer que a igreja é, sim, moldada pela missão, mas pela missão de Deus. A igreja é *creatura verbi* (criatura da Palavra).

Deus não apenas “amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3.16), mas também providenciou os meios para que esse evangelho chegasse ao mundo.

Na explicação do segundo artigo do Credo Apostólico, no Catecismo Maior, Lutero afirmou que a obra de Cristo foi realizada e está completa, mas para que este tesouro não ficasse oculto, Deus enviou e fez proclamar a Palavra, na qual nos deu o Espírito Santo, a fim de trazer até nós esse tesouro e torná-lo propriedade nossa (LC, CMa, 2ª parte).

Por meio deste evangelho, o Espírito Santo chama, ilumina, congrega e santifica toda a cristandade na terra, criando uma comunhão de santos. Tal comunhão está vinculada a Cristo pela fé e recebe dele suas características: é única, santa, católica e apostólica. Estes quatro atributos, que confessamos no Credo Niceno, não apenas ajudam na compreensão da identidade da igreja, mas também mostram que a igreja está inseparavelmente ligada a Cristo.

A igreja é uma porque é “um só corpo e um só Espírito” com “um só Senhor” (Ef 4.4-5). Apesar das diferenças externas ou divisões, a igreja é sempre e somente uma, “uma em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

A santidade da igreja é definida pelo fato de ser a noiva de Cristo, seu corpo, santificado apenas por ele (Ef 5.25-27). Não existe igreja santa fora de Cristo e de sua Palavra, na qual ele nos declara justos e santos, por graça, mediante a fé, uma vez que seu sangue nos purifica de todo o pecado (1Jo 1.7; Ap 1.5).

A catolicidade da igreja se fundamenta na confissão de Cristo Jesus, o Verbo feito carne, manifestado para ser Deus conosco, com todos nós, com o mundo inteiro. O evangelho é a verdade inteira para o mundo inteiro.

A apostolicidade da igreja está baseada nas verdades reveladas por Cristo Jesus e é preservada nos ensinamentos das Escrituras proféticas e apostólicas (Ef 2.20). Este é o testemunho entregue a nós, por aqueles que comeram e beberam com o Senhor, os quais ele pessoalmente chamou para serem seus emissários escolhidos.

Por meio da Palavra e dos sacramentos, essa comunhão de santos é alimentada e fortalecida. Lutero enfatiza que é o evangelho que vivifica a igreja, pois é através dele que a salvação é assegurada e a fé é nutrida.

Assim, a igreja vive pela Palavra, sendo essa a sua identidade fundamental. A igreja não apenas possui a Palavra, mas é definida e sustentada por ela. “O evangelho dá à igreja sua própria vida e sua razão de existência” (Klug, 2022, p.962).

Além de viver pelo evangelho, a igreja é chamada a viver para o evangelho. “A igreja não guarda o evangelho para si mesma, mas declara a mensagem de reconciliação a todas as nações. O Senhor tem outras ovelhas que devem ouvir sua voz para que sejam recolhidas, de modo que haja um rebanho e um Pastor” (Klug, 2022, p.962).

Este aspecto católico, universal, da missão divina lembra que o movimento do Espírito Santo “tem um fim na igreja – mas não é um fim em si mesmo”. O objetivo do Espírito é sempre alcançar além das fronteiras da igreja, até os confins da terra, para que o mundo se encha do conhecimento do Senhor”.

Dessa forma, a igreja não pode ser vista como um fim em si mesma, mas como um ponto de chegada no movimento missionário de Deus. Ela é simultaneamente a realização do Reino e um instrumento do Reino. Assim, é possível afirmar que a “missão não está à disposição da igreja; ambas estão à disposição do Espírito” (Schulz, 1994, p. 69).

As perspectivas centrípeta e centrífuga da missão devem se complementar. A missão centrípeta atrai pessoas para a comunhão da igreja,

enquanto a missão centrífuga envia os crentes ao mundo para testemunhar em suas vocações. Juntas, essas dinâmicas compreendem o ministério da igreja. A comunidade adoradora é, ao mesmo tempo, uma comunidade testemunhal que celebra sua liturgia e os sacramentos como “eventos missionários”, sendo guiada por Deus para situações missionárias.

É por conta de tudo isso que o Espírito Santo faz com que essa comunhão dos santos, que está oculta aos olhos e é crida pela fé, também apareça em forma de congregações. A identidade da igreja é manifesta por meio de suas marcas visíveis, conforme Lutero descreveu. A verdadeira igreja é reconhecida pela posse da palavra de Deus, pela administração correta dos sacramentos do batismo e da santa ceia, pelo uso do ofício das chaves, pela presença de ministros ordenados, pela prática da oração e do louvor público, e pelo sofrimento em fidelidade a Cristo. Essas marcas confirmam a presença da igreja verdadeira e sua missão contínua de proclamar a obra redentora de Cristo ao mundo.

Esta é a igreja que somos: missão de Deus por meio do seu Espírito, criatura da Palavra, comunhão de pessoas santas em Cristo, uma, santa, católica e apostólica, verdadeira igreja que aparece sob a forma de congregações que pregam e ouvem a palavra de Deus, administram os sacramentos, perdoam e retêm pecados, possuem ministros, oram, cultuam e louvam e sofrem perseguições por conta de sua fidelidade ao evangelho. Relativizar ou tentar alterar a identidade e natureza da igreja nunca será a resposta para os desafios da missão contemporânea.

E então, diante disso, o que fazer frente aos desafios da missão em um mundo pós-cristão, secularizado, no qual a igreja está em declínio numérico?

Em outras palavras, como a identidade da igreja pode nos ajudar a sermos melhores testemunhas, uma vez que a missão de Deus continua em curso?

A MISSÃO DA IGREJA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Em nossos dias, é muito tentador optar por uma nova expressão de igreja, moldada pelas necessidades, desejos e preferências atuais. Alguns exemplos que devemos evitar:

- Nossa sociedade supervaloriza a estética e a exposição em redes sociais; a igreja pode adaptar sua identidade renunciando à marca da cruz (sétima marca da igreja) e focando sua missão em criar ambientes confortáveis e “instagramáveis” com um ensino terapêutico moralista, mais palatável ao público contemporâneo.
- Diante das repetidas catástrofes climáticas e suas consequências, alguém pode propor que a igreja encontre relevância em auxiliar pessoas, em um trabalho deslocado da sua confissão de fé e do testemunho do evangelho.
- Em mundo confuso e diverso, a igreja pode se expressar como uma bolha cultural disposta a proteger seus fiéis de tudo o que é “mundano”.

Esses são apenas alguns exemplos de uma adaptação da igreja às custas da sua identidade. Você poderia pensar em muitas outras situações que demonstram a busca insaciável por relevância diante de uma sociedade desconfiada e hostil à fé cristã.

O grande problema é que ao descaracterizar a identidade da igreja também descaracterizamos a sua missão, pois “somente onde Cristo é pregado e os sacramentos são distribuídos, Deus reunirá por meio do Espírito Santo sua *heilige Gemeinde* (santa comunidade) na terra e chamará seus fiéis para a salvação eterna” (SCHULZ, 1994, p.61-62).

Assim, a primeira coisa que devemos fazer se de fato queremos participar da missão de Deus é reconhecer e reafirmar o papel e a centralidade da Palavra em todo e qualquer esforço missionário.

O segundo ponto é observar que a palavra de Deus deve ser comunicada. Vogel, citando o teólogo e historiador Lamin Sanneh, afirma que a igreja cristã é, desde o princípio, uma tradutora. O apóstolo Paulo é muito claro ao afirmar que aquilo que é dito na igreja precisa ser compreendido, para que haja edificação (1Co 14.9). Ao pregar a Palavra, o pregador precisa se certificar que o povo esteja entendendo a pregação. E não somente as palavras, mas também os gestos, rituais e cerimônias precisam ser traduzidos para que a palavra de Deus seja anunciada por meio deles. É exatamente por isso que nossas confissões estabelecem que para a verdadeira unidade da igreja não é necessário que os ritos e tradições sejam iguais em toda a parte (CA VII).

A igreja é uma tradutora quando encarna o evangelho no contexto em que está inserida. Anunciamos a Palavra por meio da escrita e da fala, e nossos gestos confirmam ou trazem desconfiança sobre o que foi dito. Por exemplo, se anunciamos que a mesa do Senhor é lugar de perdão e bênção, na presença real do nosso Salvador, mas em seguida nos aproximamos dela com expressão de tristeza e medo, não estamos traduzindo adequadamente a Palavra. Se afirmamos que “Cristo é para todos”, mas mantemos postura fechada e monocultural, cometemos o mesmo erro.

Em terceiro lugar, devemos reconhecer e reafirmar a relevância eterna da igreja e da missão para todos os povos. A diversidade é bênção de Deus, como argumenta Vogel:

Se Deus me fez e a todas as criaturas e deu a cada um de nós não um corpo e uma alma genéricos, mas sim, particulares, com olhos, ouvidos e outros membros específicos, então, mesmo em um mundo caído, a diversidade humana é de Deus. A igreja seria uma nação santa (1Pe 2.9) composta de muitas nações – diversas e gloriosas (Ap 7.9) (VOGEL, 2023, p.6-7 – tradução nossa).

Esse terceiro ponto nos leva a uma reflexão importante. Vogel, em sua tese de doutorado, afirma que a igreja nos Estados Unidos não acompanhou a crescente diversidade étnica e cultural, permanecendo uma igreja branca e monocultural. Ele argumenta que este fato é crucial para a falta de crescimento e podemos encontrar o remédio na identidade da própria igreja: a sua catolicidade.

Para ficar claro, o adjetivo grego καθολικός é uma combinação de κατά (“sobre”) com ὅλος (“todo”) e, portanto, carrega o sentido de “de acordo com o todo” ou “no todo” (Vogel, 2023, p.259). Esta definição abrangente nos leva a considerar a catolicidade da igreja em dois sentidos principais: a totalidade do ensino e da doutrina da igreja e o seu alcance universal.

Quando Cristo envia a igreja apostólica a todas as nações, conforme registrado em Mateus 28.19, irradiando de Jerusalém até a Judeia, Samaria e, finalmente, até os confins da terra, a igreja é marcada como uma comunhão católica. Ela se torna a “casa de todas as nações”, cumprindo a promessa de que a “salvação do Senhor de Israel pode chegar até os confins da terra” (Is 49.6) (VOGEL, 2023, p.261).

A catolicidade da igreja está bem atestada nas Escrituras, na teologia e nos ensinamentos que nos foram transmitidos. Ela é uma característica essencial que reflete a plenitude do ensino de Cristo e o alcance universal de sua missão. A igreja, ao confessar sua fé conforme o Credo Niceno, afirma sua identidade como a comunhão de todos os santos, abrangendo todas as nações, culturas e épocas. Assim, a igreja é verdadeiramente católica, fiel ao mandato de Cristo de ir e fazer discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que ele ordenou (Mt 28.19-20).

Reconhecer a catolicidade da igreja é justamente a resposta para um trabalho missionário mais contextual e aberto, sem cair na armadilha de colocar em xeque a identidade da igreja.

O professor Leopoldo Sánchez argumenta que a catolicidade, assim como a unidade, é um dom de Deus que define a essência da igreja. Discutir a unidade de um sínodo sem considerar a catolicidade significa dizer muito pouco sobre a igreja. A catolicidade se manifesta em formas étnicas, culturais e linguísticas variadas, contribuindo para a igreja como um todo por meio de expressões litúrgicas, práticas pastorais e reflexões teológicas próprias (SÁNCHEZ, 2009, p.27–28).

Sánchez adverte contra a idealização e a santificação da cultura de uma igreja do passado, fazer isso é, na melhor das hipóteses, ser monocultural, e, na pior das hipóteses, anticultural – mas, acima de tudo, é excluir o traço da catolicidade. Ele argumenta que a uniformidade litúrgica e a identidade externa são boas, mas devem servir ao evangelho e ao amor, e não criar barreiras que excluem outras culturas (SÁNCHEZ, 2012, p.216-217).

Para evitar uma atitude sectária e monocultural por parte da igreja, em uma apresentação em vídeo intitulada *Eu acredito em uma igreja católica: pensando sobre a diversidade como um cristão*, Sánchez explora três níveis de engajamento cultural que a igreja pode adotar (SÁNCHEZ, 2020).

1. Multicultural

Este nível sinaliza uma consciência da presença de pessoas de várias culturas em nosso meio. É o primeiro passo no engajamento cultural e pode levar ao conhecimento teórico do outro. Sánchez compara isso a planetas paralelos que estão cientes uns dos outros, mas não têm contato significativo. Este é o nível menos exigente de saúde cultural.

2. Transcultural

Vai além de ter consciência do outro para mover-se ao mundo do outro. A imagem apropriada para este nível é uma ponte, que fornece um caminho de um mundo para o outro. Embora possa promover um envolvimento mais profundo, pode cair em formas unilaterais de engajamento onde uma “cultura superior” cruza para uma “cultura inferior” para mudá-la, criando paternalismo e dependência.

3. Intercultural

O nível mais exigente de engajamento, onde todos trabalham juntos em direção a um objetivo comum, com cada membro contribuindo com algo único para a comunidade. A imagem aqui é de uma equipe trabalhando junta em direção a um objetivo comum, com cada integrante dando sua contribuição única. Este nível promove relações mais profundas de interdependência mútua, onde os outros culturais se tornam vizinhos e amigos.

Para Sánchez, a catolicidade demanda um nível de engajamento com outras culturas que vai além do reconhecimento da presença do outro e do aprendizado sobre ele, para uma colaboração conjunta sempre que possível.

Um engajamento e uma abertura cultural sincera e intencional pode contribuir muito para enriquecer e expandir o alcance missionário da igreja, deixando as preocupações sobre números, influência e aceitação da igreja nas mãos do Senhor do Universo.

CONSIDERAÇÕES

A questão “Que igreja queremos ser?” nos leva a refletir sobre a essência e a identidade da igreja de Cristo. A resposta não reside em uma redefinição, mas em uma afirmação clara e convicta do que a igreja já é e continuará sendo. A igreja não precisa reinventar-se, mas reafirmar-se como o fruto da missão de Deus, criatura da Palavra e portadora das marcas da ação de Deus em nosso meio para que seu povo possa se deleitar na paz e na esperança da cruz de Cristo, mesmo em meio a desafios e perseguições, enquanto proclama o evangelho a todas as nações.

Diante dos desafios do nosso tempo, é preciso lembrar quem somos. Ao reafirmarmos essa identidade, não apenas honramos nossa herança

teológica e histórica, mas também nos dispomos a participar da missão de Deus de maneira fiel no mundo contemporâneo. Somos chamados a ser uma igreja que, em sua diversidade e riqueza cultural, proclama a salvação em Cristo com convicção e compaixão, oferecendo ao mundo a paz e a esperança que somente Cristo pode dar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURASINGH, Christopher. From Church-Shaped Mission to Mission-Shaped Church. *Anglican Theological Review*, v.92, n.1, Winter 2010.

KLUG, Eugene F. A Igreja. In.: NAFZGER, Samuel H. et al. (Eds.). *Confessando o Evangelho: uma abordagem luterana da Teologia Sistemática*, v.2, p.961-1025. Tradução de Rudi Zimmer. Revisão Paulo Moisés Nerbas. Porto Alegre: Concórdia, 2022.

KINNAMAN, David with Aly Hawkins. *You Lost Me: Why Young Christians Are Leaving Church... and Rethinking Faith*. Grand Rapids: Baker Books, 2011.

SÁNCHEZ, Leopoldo. Toward an Ecclesiology of Catholic Unity and Mission in the Borderlands: Reflections from a Lutheran Latino Theologian. *Concordia Journal* 35, n.1, 2009.

_____. Theology in Context: Music as a Test Case. *Concordia Journal* 38, n.4 2012.

_____. *I Believe in One Catholic Church: Thinking About Diversity as a Christian*. (2020): Other Faculty Scholarship. Disponível em: <<https://scholar.csl.edu/ofs/9>>. Acesso em: 12 set.2024.

SCHULZ, Klaus, *The Missiological Significance of the Doctrine of Justification in the Lutheran Confessions*. (1994): Doctor of Theology Dissertation. Disponível em: <<https://scholar.csl.edu/thd/119>>. Acesso em: 12 set.2024.

TEICHMANN, Eliseu. *Imigração e Igreja: As comunidades Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Instituto Ecumênico de Pós-graduação, Tese de Mestrado, 1996.

VOGEL, Larry, “*Behind the Numbers: A Traditional Church Faces a New America*” (2023). Doctor of Philosophy Dissertation. Disponível em: <<https://scholar.csl.edu/phd/146>>. Acesso em: 12 set.2024.